

## ENTENDENDO ALGUMAS AÇÕES PARABÓLICAS DE JESUS

KUNZ, Claiton André. *Ações parabólicas de Jesus no evangelho de Marcos*. São Paulo: ASTE, 2014. 292 p.

*Dr. Vanderlei Alberto Schach<sup>1</sup>*

Claiton André Kunz é graduado em Teologia e Filosofia. Possui mestrado em Novo Testamento, mestrado e doutorado em Teologia. É diretor, coordenador acadêmico e professor da Faculdade Batista Pioneira de Ijuí – RS e professor convidado do Mestrado Profissional em Teologia da Faculdade Batista do Paraná. É autor de vários artigos teológicos publicados em revistas acadêmicas. Também é autor do livro *As parábolas de Jesus e seu ensino sobre o Reino de Deus*, publicado em 2014, pela editora A.D. Santos, com 232 páginas.

A obra é resultado de praticamente duas décadas de pesquisas na área de parábolas, que culminou com sua tese de doutorado, sendo uma pesquisa profunda e acurada sobre as “ações parabólicas de Jesus no Evangelho de Marcos”. Trata-se, portanto, de um especialista brasileiro no que se refere às parábolas. A estruturação das ações em forma de quiasmo, revela um estudo quase inédito tanto em nível de Brasil como de mundo.

Nas questões introdutórias (cap. 1), o autor introduz o tema relatando que as parábolas e as ações parabólicas eram muito usadas

---

<sup>1</sup> O autor é bacharel em Teologia pelo Seminário Teológico Batista de Ijuí (atual Faculdade Batista Pioneira), e mestre em Teologia e doutor em Teologia Prática pela Escola Superior de Teologia (São Leopoldo). É professor da Faculdade Batista Pioneira. E-mail: vanderleischach@yahoo.com.br

pelos profetas do Antigo Testamento e por Jesus Cristo. Este as usou como método de ensino e pregação, muito próximo dos profetas, acrescentando apenas seu próprio estilo para beneficiar seus ouvintes. Com base em vários escritores, a ação parabólica é definida como “a própria mensagem do profeta ou de Cristo. Portanto, não é apenas um meio de proclamação, mas a própria proclamação” (p. 25). As ações parabólicas selecionadas no Evangelho de Marcos obedecem ao seguinte roteiro de análise a partir do Método histórico-gramatical: 1. Texto (visão geral; delimitação; crítica textual e tradução). 2. Contexto (histórico, literário e cultural). 3. Análise do texto e 4. Síntese do texto. Assim, todos os aspectos de uma ação parabólica são abordados, levando o leitor a uma fácil compreensão e significado da intencionalidade da ação na época em que foi praticada e suas aplicações para a contemporaneidade. Ao todo são analisadas oito ações parabólicas do Evangelho de Marcos.

A primeira ação parabólica analisada pelo autor no capítulo dois é o *batismo de Jesus* (1.9-11). Nesta, o autor lança uma pergunta: “Jesus precisava ser batizado?” (p. 61). E obviamente, qual é o significado desta ação? Mesmo antes de Jesus ser batizado, os judeus já o praticavam para questões de pureza. Pessoas que se contaminavam através de doenças como lepra, contato com sangue ou mortos eram consideradas impuras e precisavam purificar-se, tornando-se aptos para participação em rituais. O termo grego para batismo literalmente significa mergulhar, ou seja, molhar totalmente a pessoa. No início da era cristã, quando um gentio se convertia ao judaísmo, passava pelo processo de circuncisão e era submetido a um banho ritual, significando que ele agora estava apto para adoração ou oferecer um sacrifício a Deus. Para o autor, João batizava para arrependimento de pecado, quando as pessoas iam até ele confessando seus pecados eram batizadas, mas Jesus não necessitava desse batismo. Com esta ação parabólica, “Jesus foi identificado com os seres humanos, autenticado pelo Espírito e reconhecido pelo Pai. A partir do batismo Jesus passa a executar de forma efetiva a sua missão como Messias que havia de vir” (p. 87).

No terceiro capítulo, o autor menciona *A escolha dos doze* (3.13-19) como ação parabólica. A narração desta ação ocorre após uma série de curas relatadas por Marcos. A esta altura do ministério de Jesus, a

hostilidade dos líderes religiosos já era evidente para ele, por isso já havia chegado o momento em que o povo de Deus deveria se organizar separadamente dos líderes contrários a Jesus. Assim Jesus começa a revolucionar a história da humanidade a partir de doze homens. Mas a pergunta intrigante que surge aqui é: “Por que doze homens?” O autor cita alguns eruditos que tentam responder que o grupo de doze era logisticamente fácil de administrar ou então que doze era a lotação de um pequeno barco de pesca ou ainda conselhos com doze membros no Judaísmo. Contudo, a pergunta exige mais e pode-se pensar de forma mais concreta. Os doze escolhidos não estão presos ao passado, olhando para trás, como que vendo apenas as doze tribos de Israel, mas também olham para frente, como novo povo de Deus, com visão escatológica. O autor problematiza a ação quando indaga pelo décimo segundo discípulo depois da ressurreição de Jesus. Paulo cita os doze (1Co 15.5), mas Judas já havia se suicidado e Matias ainda não havia sido escolhido. Como Paulo pôde citar os doze? Conforme Kunz, “estas percepções colocam ainda mais em evidência que o número doze e a escolha que Jesus faz é, de fato, uma ação parabólica, com a qual Jesus quer demonstrar algo, além do grupo de discípulos em si” (p. 112). O fato de as diversas listas deles terem seus nomes alterados, não é muito importante, assim como as listas das doze tribos também têm nomes mudados de lugar. O que importa é que são doze escolhidos. Assim, os doze significam o início da ação de Deus em favor de seu povo, quando Jesus estabelece através deles o “ministério do Reino no contexto da promessa de Deus de restaurar todo o Israel, e a designação dos doze está em continuidade com a atividade divina para com o Israel histórico. Ao mesmo tempo, os doze são chamados e designados sem vínculos físicos para as doze tribos de Israel. Assim, eles representam a descontinuidade escatológica do novo povo de Deus em relação ao Israel histórico” (p. 112-113).

No capítulo quatro, *a família de Jesus* (3.31-35) aparece como ação parabólica. Segundo o autor, não se tem muitas informações sobre a família de Jesus. O que se sabe é que ele tinha irmãs e irmãos e que viajavam todos os anos para Jerusalém na festa da Páscoa. Porém, Jesus não se “comportava” adequadamente para a época. Aos trinta anos ainda era solteiro; havia deixado seu trabalho e sua casa em Nazaré para partir com João Batista e ainda não havia regressado.

Apenas chegavam notícias de atritos com os fariseus. Como a família reagiria a esta situação? Concluíram que ele estava fora de si (3.21). Quando seus familiares chegam até a casa onde ele estava ensinando, interrompem seu ensinamento, chamando-o do lado de fora. No entanto, Jesus pergunta: “Quem é minha mãe e quem são meus irmãos?” Ele mesmo responde a esta pergunta retórica em forma de ação parábólica, redefinindo o conceito de família e discipulado, ou seja, “a comunhão de natureza dentro da família divina ocorre através do nascimento espiritual, e não através da descendência natural” (p. 137). Ao afirmar eis minha mãe e meus irmãos, apontando para os que estavam dentro da casa, Jesus mostra quem é sua família e que vai além dos doze, com convite para outros mais. É nesta nova família que os seguidores de Jesus são introduzidos. Porém, Jesus não menospreza seus familiares, mas está mostrando, através da ação parábólica, o significado do verdadeiro laço familiar. Assim, Jesus começa a preparar seus ouvintes para o discipulado radical que apresentará em seguida (10.29-31). Contudo, “precisa ficar claro, entretanto, que a separação da família somente pode vir a ser uma consequência do discipulado, mas nunca uma condição para ele” (p. 139). O próprio Jesus nunca tratou mal seus familiares, mas ofereceu a eles a mesma oferta que foi oferecida aos que estavam ao redor dele.

*O maior no Reino de Deus* (9.33-37) é a ação parábólica que o autor analisa no capítulo cinco da sua obra. Ao perceber um desentendimento ocorrido entre os discípulos sobre quem era o maior, Jesus precisa admoestá-los e faz isso com muita instrumentalidade, utilizando uma criança numa ação parábólica. Na discussão, os discípulos não estavam preocupados com a morte do seu Senhor, mas com o status social e político de cada um. Na época de Jesus, ser o primeiro era privilégio de aristocratas, principais sacerdotes e pessoas com autoridade ou influência. Já ser o último ou servo, era ser considerado uma pessoa sem hierarquia, posição ou status. A criança era considerada como o último de todos e servo de todos. A autoridade que Jesus havia conferido aos discípulos para proclamação do Evangelho, curas, exorcismos fez com que uma dose de orgulho estivesse entre os discípulos, embora a vitória estivesse garantida. A partir do anúncio da paixão de Cristo, o ar de vitória estava tomando outro rumo. Conforme Kunz, “agora ser o primeiro ou o maior não

tem mais nada a ver com poder para curar ou exorcizar; tem a ver sim com serviço e humildade” (p. 162). Assim como Jesus serviu de modelo para autoridade, também serviu como serviço e humildade.

No sexto capítulo, o autor descreve e analisa *A entrada em Jerusalém* (11.1-11). Jesus escolhe dias de muita movimentação de pessoas – a festa da Páscoa – e planeja meticulosamente a sua entrada em Jerusalém como ação parábólica. Quando o povo esperava a chegada de um rei e libertador político ou até mesmo como grande força militar, montado num cavalo branco ou preto, que era símbolo de guerra, ele chega montado num jumento, que é símbolo de paz. Jesus passa mais de três anos anunciando a chegada do Reino de Deus e agora é chegado o momento em que o rei deste reino deve se apresentar. Apresenta-se de uma forma que muitos não entendem, nem mesmo os seus discípulos. Ele quer mostrar que sua missão não é a libertação do jugo romano, mas uma conquista espiritual como Príncipe da Paz. A semana da paixão inicia aclamando Jesus como Rei, mas tem alguns contrastes: “Jesus entra em Jerusalém em meio a exclamações de alegria e bajulação, mas sai da cidade em meio a exclamações de ridicularização e sofrimento” (p. 183). Através desta ação parábólica, Jesus acaba por responder uma pergunta que ele mesmo fez aos seus discípulos: “Quem o povo diz que eu sou?” (8.27).

No capítulo sete, o autor aborda a cena da *Figueira estéril* (11.12-14,20-26) como ação parábólica. Esta ação é executada por Jesus não apenas para matar a fome, mas para mostrar o que Israel deveria ter feito, mas não fez. Provavelmente, Jesus saiu de casa antes da primeira refeição da manhã e ao passar pela figueira sentiu fome e pensou nela encontrar figos, devido a sua folhagem exuberante. O autor explica um fato interessante sobre a figueira. Ela tem duas florações e três safras durante o ano, que se compreendem da seguinte forma: **a) figos temporãos**, amadurecem no verão e são os primeiros figos maduros no mês de junho. São muitos apreciados pelo seu sabor; **b) figos do verão** ou tardios, eram produzidos de agosto a outubro, sendo a colheita principal que se formava nos brotos novos que surgiam no início do verão. “Esta folhagem nova, que surge quando o tempo quente está se aproximando, é conhecida da parábola de Jesus sobre o fim dos tempos” (p. 199) e **c) os figos verdes**, que aparecem na primavera. São figuinhos verdes comestíveis, porém não muito apreciados. São

conhecidos pelos árabes como *taqsh* e são os precursores do verdadeiro figo. No entanto, se surgem as folhas sem os *taqsh*, então é sinal que a árvore não produzirá neste ano. Conforme Kunz, “isso deixa claro que quando o Senhor Jesus deixa a estrada para ir à figueira e procurar nela algum *taqsh*, para saciar um pouco a sua fome, e não os encontra, que isto implica que não haveria figos quando chegasse o tempo da safra principal. Mesmo com a exuberância da folhagem, a figueira era infrutífera e não prometia nada para aquela frutificação” (p. 199). Israel, com o seu Templo e com a capital Jerusalém, apresentava certa exuberância através da sua folhagem, mas não havia “figuinhos” anunciando uma safra repleta. Assim, conforme o autor, Israel estava sendo rejeitado por não produzir frutos e uma “nova figueira iria surgir, não ao redor de um templo e de um sistema sacrificial, mas, sim, por meio da adesão espontânea e incondicional a Jesus, pela fé” (p. 210).

No oitavo capítulo é analisada a *Purificação do Templo* (11.15-19). A pergunta inicial colocada pelo autor para esta ação parabólica é: “O que motivou Jesus a agir daquela forma?” (p. 211). O templo, além de ainda estar em construção, também era o centro econômico de Jerusalém, tornando-se objeto de exploração do povo. Nele encontravam-se à venda animais grandes e pequenos destinados para os sacrifícios, além de cambistas que trocavam a moeda do povo pela do templo e cobravam o imposto do templo de cidadãos a partir de 20 anos de idade na Palestina e até na Diáspora. O dízimo também era cobrado e ainda as doações obrigatórias e voluntárias eram rigorosamente observadas. A tudo isso ainda pode ser acrescentado o fato de pessoas ricas depositarem no templo grandes somas de dinheiro, além de bens preciosos por ser um lugar seguro. Assim o templo tinha função bancária, como uma espécie de banco central, onde eram depositados valores monetários e estabelecida a cotação cambial de moedas estrangeiras. Muitas pessoas transitavam pelo templo como forma de atalho para encurtar caminho e chegar a determinado lugar. O simples transitar pelo recinto sagrado não tornava as pessoas mais santas, pelo contrário, era uma demonstração de irreverência para com o lugar santo. Assim, a liderança judaica estava corrompida e o povo encontrava-se irreverente. Estes fatores levaram Jesus a purificar o templo. Contrariando as expectativas, Jesus purifica Jerusalém para

os gentios e não dos gentios, como tradicionalmente se esperava. Assim, a ação de Jesus significa não apenas uma reforma no templo, mas simbolicamente indica a sua destruição total e aponta para uma nova construção no corpo dele e que envolve todo tipo de pessoas de todos os tempos e lugares.

O autor fecha sua obra com chave de ouro, ao relatar no último capítulo *A ceia do Senhor* (14.22-26). Esta é praticada por todas as igrejas cristãs em maior ou menor escala. Mas Jesus tinha por hábito fazer refeições juntamente com seus discípulos e outros durante seu ministério. Este hábito é classificado como comensalidade de Jesus. No entanto, na última ceia e um dos últimos momentos de Jesus com seus discípulos, ele novamente aproveita a situação para ensinar através de uma ação. O ensino de Jesus agora é sobre a sua morte. Ele fala dela com muita autoridade, não com pesar e luto, mas com uma confiante “palavra de triunfo sobre a esperança futura. Assim, o ‘cálice da morte’ (v. 24) é contrastado claramente com o ‘cálice da glória futura’ (v. 25).” Logo, beber o novo vinho de Deus é uma celebração com todos os filhos de Deus juntamente com seu Salvador. Desta forma, o ambiente da ceia não tinha aparência de funeral, mas do início do reinado de Deus.

O destaque do autor, em sua conclusão, é a organização das ações parabólicas analisadas em forma de quiasmo. Esta organização é o critério usado pelo autor para selecionar as ações parabólicas, que mostra em forma de resumo o ministério de Jesus, mas é ao mesmo tempo uma visão ampliada do significado das ações parabólicas do início ao final do ministério.

- A – Batismo do Senhor (missão anunciada)
- B – Escolha dos doze (um grupo específico escolhido)
- C – Família de Jesus (uma família que faz a vontade de Deus)
- D – Quem é o maior? (um modelo de servo descrito)
- D’ – Entrada em Jerusalém (um modelo de servo exemplificado)
- C’ – Figueira estéril (um povo que deixou de fazer a vontade de Deus)
- B’ – Purificação do Templo (um grupo específico rejeitado)
- A’ – Ceia do Senhor (uma missão cumprida)

A obra resenhada está embasada em vários autores, que comentam as parábolas de Jesus e suas ações parabólicas, porém, sem o raciocínio lógico apresentado pelo Dr. Claiton André Kunz. Além do relato de Marcos, também complementa sua pesquisa com informações do texto sagrado e que corroboram para confirmar a autenticidade do ensino parabólico de Jesus. O autor desenvolve de maneira prática o significado, oferecendo ao leitor também uma ampla variedade de conhecimento sobre o tema. Também mantém o rigor metodológico e critérios científicos para análises dos textos propostos. A leitura é indicada para leitores leigos, mas principalmente para estudantes de teologia e que queiram aprofundar-se no assunto bem como nas demais ações de Jesus.



A Revista Via Teológica está licenciada com uma Licença Creative Commons  
Atribuição – Não Comercial – Sem Derivações - 4.0 Internacional